

UMA ANÁLISE DE GÊNERO DIGITAL: O APLICATIVO WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE AÇÕES SIGNIFICATIVAS DA COMUNIDADE SURDA

Ediane Silva Lima - UFPI

e-mail: limaedianeblues@yahoo.com

Ronald Taveira da Cruz – Professor Orientador - UFPI

e-mail: ronaldtaveira@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa visa investigar quais são os gêneros textuais mais utilizados pelos surdos participantes de um grupo do aplicativo *Whatsapp*. Além disso, procura perceber também como esses indivíduos produzem e organizam seus textos ao interagirem com pessoas surdas e ouvintes participantes desse grupo. Tal pesquisa fundamenta-se em: Quadros (2012) e Capovilla & Capovilla (2002), com o intuito de apresentar algumas questões relacionadas a Libras, ao surdo e à perspectiva bilíngue bimodal. Em Paiva (2009), buscamos relacionar as possibilidades de propiciamento apresentadas por essa autora com a realidade linguística dos surdos que se utilizam tanto da Língua Portuguesa para escreverem suas mensagens no *WhatsApp* bem como da Libras. Já em Bazerman (2009), Marcuschi (2010) e Miller (2012) são discutidas algumas noções de gênero textual e a respeito da noção de gênero digital. E em Costa & Costa (2010) e Kozinets (2014) são apresentados os principais procedimentos metodológicos aplicados e desenvolvidos nessa pesquisa, que são eles: pesquisa netnográfica, participação observante, entrevista online etc. A relevância dessa pesquisa é justificada pelo fato de o surdo, por ser bilíngue bimodal, é capaz de propiciar relações sócio-interativas ao escreverem em Língua Portuguesa para enviarem suas mensagens pelo aplicativo e em demais situações. Para tanto, analisamos o grupo do aplicativo no período de quatro meses, que ocorreram nos meses de maio a agosto de 2014. Em seguida, selecionamos os gêneros mais utilizados a partir das mensagens postadas e/ou enviadas pelos surdos participantes desse grupo. A partir disso, filtramos esse *corpus*, reduzindo-os em grupos para que pudéssemos identificar os gêneros mais recorrentes, de modo a verificar se há alguma distinção quanto ao uso desses gêneros quando escrito por eles em Língua Portuguesa ou em Libras, através de vídeos e imagens. Diante da análise dos dados, entendemos que o uso do aplicativo pelo grupo cria possibilidades reais de interação a esses indivíduos surdos de forma dinâmica e interativa não somente através da Libras, mas também em Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: *Whatsapp*. Surdo. Gêneros textuais. Libras – Português (Brasil).

ABSTRACT

This research aims to investigate what are the genres most used by the deaf participants of a group of Whatsapp application. In addition, it also seeks to understand how these individuals produce and organize their texts to interact with deaf and hearing people participating in this group. Such research is based on: Frames (2012) and Capovilla and Capovilla (2002), in order to present some issues to Sign Language, the deaf and the bimodal bilingual perspective. In Paiva (2009), we seek to relate the possibilities

presented by this author propiciamento with the linguistic reality of the deaf who used both the Portuguese language to write their messages on WhatsApp well as Sign Language. Already in Bazerman (2009), Marcuschi (2010) and Miller (2012) discusses some notions of genre and about the notion of digital genre. And in Costa & Costa (2010) and Kozinets (2014) presents the main methodological procedures applied and developed in this research, which are: netnográfica research, observant participation, online interview etc. The relevance of this research is justified by the fact that the deaf, to be bimodal bilingual, is able to facilitate socio-interactive relationships when writing in Portuguese to send their messages by the application and in other situations. For this, we analyze the group of application within four months that occurred in the months from May to August 2014 then selected the most used genres from the messages posted and / or submitted by the deaf participants in this group. From this, we filter this corpus, reducing them into groups so that we could identify the most recurrent genres, so check if there is any distinction between the use of these genres when writing for them in Portuguese or in Sign Language, through videos and images. After analyzing the data, we believe that the use of the application by the group creates real possibilities for these deaf individuals interact dynamically and interactively not only by Sign Language, but also in Portuguese.

KEY-WORDS: Whatsapp. Deaf. Genres. Sign Language – Portuguese (Brazil).

INTRODUÇÃO

O *WhatsApp* é um aplicativo que vem ganhado destaque devido ao seu intenso uso por uma grande parcela da população mundial. E a cada dia, novos adeptos se manifestam ao adquirirem um novo telefone móvel de tecnologia *android*, os chamados *smartphones*.

Esse aplicativo possui muitas vantagens se comparado aos demais com mesmo propósito, como, por exemplo, uso da voz, de imagens e/ou fotos e textos escritos instantaneamente, além de superar outras formas de comunicação online, como o SMS¹, *Chat* e as próprias redes sociais. Outro ponto favorável com relação ao uso e o crescimento de usuários desse aplicativo, é a possibilidade de criar/formar grupos online, no qual cada pessoa pode participar de vários grupos ao mesmo tempo.

Os participantes desses grupos compartilham diversas informações, por meio de possibilidades de interação da própria tecnologia do aplicativo e de outros recursos que ele suporta. Como por exemplo, os *emoticons*, a opção de mensagem de voz, fotos e vídeos instantâneos, e a possibilidade de postar os mais diversos gêneros textuais.

¹ Sigla - *Short Message Service* (Serviço de Mensagens Curtas).

Desse modo, o presente artigo tem por objetivos verificar a regularidade dos gêneros textuais que são mais utilizados por surdos participantes de um grupo do aplicativo *WhatsApp*. E perceber como esses indivíduos produzem e organizam seus textos ao interagirem entre pessoas surdas e ouvintes, também participantes desse grupo.

Com relação aos objetivos traçados, é interessante destacar que, os surdos participantes do grupo analisado, são fluentes em Libras e também têm acesso à Língua Portuguesa-LP, ou seja, utilizam-se da escrita em LP para se comunicarem, especialmente, quando acessam a *internet*, através do uso de redes sociais e/ou de comunidades/grupos online. Desse modo, suas relações sócio-interativas não se dão apenas em língua de sinais, mas também através da escrita da Língua Portuguesa.

Assim, o presente estudo parte da perspectiva de que os surdos participantes do grupo do aplicativo são *bilíngues bimodais*², pois tanto se utilizam da Libras, considerada sua primeira língua, bem como da LP, sua segunda língua. Ou, ainda, como em alguns casos, no qual a Libras é que funciona como a segunda língua, devido o acesso ‘tardio’ desses indivíduos surdos à língua de sinais.

Partindo da ideia apresentada acima e de resultados de pesquisas atuais, nas quais constataram que, pelo fato de a grande maioria dos surdos serem filhos de ouvintes, na verdade eles têm como primeira língua a LP, pois são inseridos desde cedo em uma língua oral e que só mais tarde, às vezes, quando já adultos, é que têm seu primeiro contato com as línguas de sinais.

Diante de tudo isso, destacamos como ponto relevante para análise dos dados coletados, que o usuário ‘falante’ da Libras promove o propiciamento³ para estabelecer relações sócio-interativas para se utilizarem da Língua Portuguesa no uso do aplicativo e em demais situações.

Com isso buscamos responder aos seguintes questionamentos ao longo desse artigo: Os textos produzidos em Língua Portuguesa pelos surdos observados apresentam as especificidades da Libras? Os textos escritos em Língua Portuguesa pelos surdos participantes do grupo diferem dos ouvintes? Os gêneros textuais

² Para Quadros (2012), há indivíduos surdos que por serem bilíngues, ou seja, terem uma língua materna e uma segunda língua acaba por atuar em duas modalidades distintas: a visual-espacial, possibilitada pela Libras e a oral-auditiva, na perspectiva da escrita da Língua Portuguesa.

³ Voltado para o processo de aquisição de segunda língua, no qual se leva em consideração o que há de disponível para interação de usuários que se utilizam de uma segunda língua para interagir socialmente (Técnica do Propiciamento, capítulo a ser publicado em livro por PAIVA, UFMG).

apresentados/produzidos pelos surdos do grupo são diferentes quando apresentados em Libras e/ou Língua Portuguesa?

O presente artigo está estruturado da seguinte forma:

Na primeira parte aspectos teóricos que fundamentaram as bases da pesquisa, são eles: algumas breves considerações a respeito dos gêneros textuais; gêneros digitais e prática de leitura e escrita de surdos. Já a segunda, temos os aspectos metodológicos que estruturaram os métodos de pesquisa aqui aplicados, tais como: observação participante, análise e coleta de gêneros etc. Finalmente, os aspectos a serem analisados, no qual foram divididos em duas partes: os gêneros textuais mais utilizados pelos participantes surdos do grupo do aplicativo e a forma como os surdos produzem e organizam seus textos ao interagirem entre pessoas surdas e ouvintes, participantes desse grupo.

1 Algumas breves considerações a respeito dos gêneros textuais

Segundo Devitt (1993), os gêneros textuais não se definem pelos seus traços formais, mas pela necessidade de comunicação dos indivíduos que compõem uma dada sociedade. E pelas inúmeras possibilidades sócio-interativas pelas quais interagimos usualmente. Desse modo, os gêneros estão presentes no cotidiano de cada indivíduo para atender suas necessidades sócio-comunicativas.

Além do mais, para essa autora, o gênero não só supre as necessidades básicas de interação, como também as possibilita. Ou seja, será sempre necessária sua presença, porque é somente através de um gênero que o ato comunicativo se concretiza em si, sendo, pois, o gênero extremamente relevante.

E é através do uso da linguagem e do próprio gênero em si, que a interação entre o indivíduo e a situação comunicativa é possibilitada. Pois, somente a estrutura do texto não será suficiente para especificar a característica de determinado gênero, uma vez que os sentidos só serão ativados durante a interlocução.

É o caso do *WhatsApp*, pois segundo consta em uma pesquisa⁴, esse aplicativo através de seus serviços disponíveis acaba por caracterizar às funções do gênero *Chat*. Entretanto, com algumas características mais dinâmicas e usuais, no qual as situações sócio-interativas vão compondo os gêneros. (MILLER, 2012).

⁴Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/simposio2013.html>> Acessado em 20/06/2014.

Desse modo, os gêneros textuais por serem dinâmicos, mudam historicamente dentro de diferentes contextos e grupos sociais ajudando, assim, a criar uma situação de comunicação dentro de um contexto situacional (DEVITT, 1993).

2 Gêneros digitais

Os gêneros textuais tidos como emergentes são os que migram/migraram para os ambientes virtuais. Assim, novas formas, a partir da tecnologia digital acabam por proporcionar novas possibilidades de comunicação. Além de que, para Marcuschi (2010), os ambientes virtuais são propícios tanto para emersão nesse ambiente dos mais diversos gêneros textuais, bem como são extremamente versáteis por atuarem em diversas situações comunicativas.

Outro ponto relevante a ser discutido a respeito dos gêneros digitais é com relação à noção de comunidades virtuais. Assim, Comunidade Virtual seria como “uma espécie de agregado social que emerge da rede *internetiana* para fins específicos”, no qual há interesses em comum (MARCUSCHI, 2010, P. 24).

Desse ponto, temos que a noção de comunidade aí empregada faz um paralelo à noção de Comunidade Surda, que é aquela que agrega pessoas surdas que se comunicam preferencialmente em língua de sinais, têm orgulho de serem surdos e participam de ações a respeito da sua deficiência, da sua língua, de sua educação, enfim de seus direitos.

A Internet, através de seus mais diversos recursos, tornou-se um meio, no qual passar o tempo, divertir-se, veicular e absorver informação, interagir e criar novas amizades e muitas outras possibilidades. Vem ser a expressão (texto, som e imagem), maleável, que vem interferir na natureza dos recursos linguísticos utilizados, promovendo ao mesmo tempo rapidez e flexibilidade da veiculação e promoção de práticas sociais.

3 A prática de escrita em Língua Portuguesa por surdos

O Brasil é oficialmente um país bilíngue, visto que a Língua Brasileira de Sinais – LBS ou Libras é a língua natural dos surdos brasileiros e a Língua Portuguesa, por ser a língua oficial do país, é a sua segunda língua, mas na perspectiva da modalidade escrita. Assim, temos duas modalidades em nosso país: a oral-auditiva e a gestual-visual (BRASIL, Lei n. 10.436/2002).

Desse fato é considerado que, para o surdo o acesso e o aprendizado da LP se dá apenas através da leitura e da escrita, pois suas faculdades orais não se dão de forma natural.

Por isso, os surdos brasileiros, que têm a Libras como primeira língua, tem acesso à LP por formas distintas da dos ouvintes. Além disso, há especificidades nas línguas de sinais que influenciam na aprendizagem da língua escrita. Segundo Capovilla & Capovilla (2002), em algumas línguas orais, a escrita alfabética é mapeada pelos sons que se estabelecem pela relação destes com a palavra da língua falada.

Isso é mais bem esclarecido em Martellotta (2013), quando diz que:

[...] o sistema fonológico de uma língua pode ser expresso não a partir de uma substância sonora, mas, por exemplo, a partir de sensações visuais (movimento dos lábios). É desse modo que, em geral, as pessoas surdas de nascença aprendem o sistema de uma determinada língua sem nunca ter ouvido seus sons (IN MARTELLOTTA, 2013, p. 115).

Há de se considerar também o que defende Nörth (1990 apud BISOL, BREMM e VALENTINI, 2010), com relação à autonomia estrutural das línguas de sinais. Para ele, esse é um dos aspectos que distinguem essas línguas com relação às línguas orais, visto que as línguas de sinais se caracterizam por um alto grau de iconicidade e independência em relação a outros tipos de representações gráficas.

E para Quadros e colaboradores (in press)⁵, que defendem a bimodalidade, tanto a Libras como a Língua Portuguesa ‘convergem’ de forma significativa para uma possibilidade real de interação desses indivíduos com a sociedade de uma maneira geral.

A partir dessa perspectiva bilíngue bimodal, argumentam que o acesso à Língua Portuguesa pelo surdo tem funcionalidade acadêmica, pois na medida em que são alfabetizados em Língua Portuguesa, aprendem apenas a ler e a escrever⁶. Desse modo, os surdos passam a utilizá-la em suas funções sócio-interativas, principalmente, através das mídias digitais, pois enviam e recebem mensagens escritas em LP tanto em telefones móveis como também nas redes sociais e acesso a *internet*, de uma maneira em geral.

Assim, consideram que os surdos sejam bilíngues bimodais, e que a partir dessa perspectiva bilíngue bimodal, apresentam uma série de vantagens, pois além de atuarem diante dessas duas comunidades linguísticas, propiciando-lhes grandes vantagens tanto de ordem sociocultural, bem como de ordem linguística e cognitiva além do desenvolvimento sensorial, conforme apresentaram esses estudos⁷.

⁵ Resultados pré-liminares apresentados em uma Sessão Coordenada no XVII Congresso Internacional ALFAL, em julho de 2014.

⁶ Isso significa dizer que as práticas orais nos surdos não podem ser exploradas, não porque não possam oralizar, mas, justamente, por esta ação não se dá de forma natural que ela deverá ser evitada.

⁷ Ver Projeto BIBI, no site <<http://bibibi.uconn.edu/>>.

Aliado a essa teoria, é interessante acrescentar o que discute Paiva (2009), quando aborda o propiciamento como possibilidade de autonomia para aprendizado de uma segunda língua. O seu foco é o ensino e o aprendizado de Língua Inglesa, no entanto, seus argumentos e considerações são totalmente pertinentes para a realidade do surdo no processo de aprendizagem de LP.

Para essa autora o propiciamento é uma maneira eficaz e usual que o indivíduo se utiliza dos conhecimentos que tem de sua língua para aprender uma segunda língua. E essas ações propiciam o aprendizado de uma segunda língua em um país no qual há uma língua que se dá de forma predominante.

Por isso, defendemos que no caso do surdo, que é tido como um eterno intérprete em seu próprio país, ele se utiliza constantemente dessas ações, propiciando, através de sua língua de sinais, meios para entender, compreender e interagir com uma dada língua oral.

Isso vem se somar ao que Quadros e colaboradores (In press), explicam a respeito do indivíduo surdo bilíngue bimodal. Pois seus resultados mostram que os surdos possuem conhecimento em ambas as línguas. Além de uma exposição inevitável a outra língua, tida como majoritária. Outro ponto relevante, discutido por essas pesquisadoras, é que cada indivíduo seleciona a partir de suas possibilidades de língua à que melhor atenderá às suas expectativas de interação social. Ou seja, se adaptam à língua com quem interagem.

Por isso, para o surdo brasileiro, é mais relevante aprender a LP em um contexto de Língua Estrangeira, porque está é considerada a sua segunda língua, quando tem como primeira a Libras.

4 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa foi de cunho qualitativo que, segundo Costa & Costa (2011), busca compreender e dar significados aos objetivos pretendidos. E o enfoque teórico-metodológico utilizado será o de comunidade discursiva. Aqui é considerada tanto a noção de comunidade *online* quanto a da comunidade de surdos e de ouvintes, dos participantes que formam o grupo do aplicativo analisado

Como vimos, os participantes que formam o grupo do aplicativo analisado são compostos tanto por indivíduos surdos como ouvintes. E por se tratar ao mesmo tempo de formação de grupo e de comunidade, a perspectiva de análise partiu da prática de observação participativa, visto que a pesquisadora também faz parte do grupo analisado.

A observação participante se deu da seguinte maneira:

Interação online no grupo constantemente, isso não significa que esse acesso se deu diariamente, porque o aplicativo possibilita o acesso a todas as mensagens anteriores postadas por todos os participantes do grupo. Desse modo, entendemos que a abordagem metodológica dessa pesquisa é a netnográfica, pois se trata de “uma pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” (KOZINETTS, 2014, pp. 61-62).

Diante disso, levamos em consideração a proposta de entrevista netnográfica, na qual se verifica como os participantes de comunidades virtuais expõem, exploram, compartilham, espalham e relatam suas histórias, mensagens, enfim a sua cultura de um modo em geral (KOZINETTS, 2014).

Assim, a análise dos dados coletados foram pautados a partir das interlocuções de interação entre os sujeitos integrantes do grupo do aplicativo *WhatsApp*.

E com relação aos aspectos analisados durante a pesquisa, conforme proposto nos objetivos, foram identificados os gêneros textuais mais utilizados pelos surdos, quando estes interagem em Libras e/ou em Língua Portuguesa. Em seguida, apresentamos como os surdos participantes desse grupo exploram os recursos específicos desse gênero para interagir, bem como perceber as possibilidades de inserção dessa comunidade surda, através do uso e da difusão dessa tecnologia digital.

Um ponto a ser esclarecido a respeito da observação participante nessa pesquisa, é com relação à prática de entrevista proposta inicialmente. Ela não pôde aqui ser discutida, porque durante o processo final dessa pesquisa, houve um desentendimento entre os participantes do grupo do aplicativo e, em especial os surdos, foco de nossa pesquisa, resolveram sair do grupo. Exatamente, na etapa de entrevista online, assim as respostas, como proposta de enriquecimento de análise de dados, não foram possíveis de serem realizadas

É importante, ainda, esclarecer que, na entrevista escrita em LP apenas um surdo se manifestou, justificando que as perguntas deveriam ser em Libras. Fato curioso, justamente, porque vai contra os resultados aqui apresentados. Já na entrevista por meio de vídeo em Libras, somente dois surdos se manifestaram: o primeiro corrigiu uma configuração de mão, do nome da pesquisadora, que realmente havia sido mal articulado e também ficou em dúvida com relação a um sinal exibido no vídeo, mas não se manifestou com relação aos questionamentos. Já o segundo participante surdo, apenas respondeu que era normal usar o aplicativo para se comunicar.

Desse modo, as informações nessa etapa tornaram-se irrelevantes, por não se ter obtido dados suficientes para tais análises.

A observação, a coleta e a análise dos dados investigados no grupo ocorreram no período de maio a agosto de 2014, conforme os objetivos anteriormente especificados.

5 Análise e discussão do dados

5.1 Gêneros textuais mais utilizados pelos participantes surdos do grupo do aplicativo:

Os gêneros textuais mais utilizados pelos surdos participantes do grupo são: imagens; emojis⁸, *memes*; vídeos; encartes voltados para a causa da comunidade surda (cursos, lançamentos de livros, palestras, eventos, congressos, manifestações etc.); lista de aprovação em concursos/seletivos, dicionário bilíngue digital⁹; avisos; comunicados; piadas; charges entre outros¹⁰.

Com relação aos gêneros textuais acima listados, percebemos que os textos, em sua grande maioria, não diferem dos gêneros utilizados pelos ouvintes também participantes desse e de outros grupos, do qual a presente pesquisadora também é participante.

É interessante destacar que, os gêneros textuais identificados acima quando representados através da Libras (Vídeos, dicionários bilíngues, imagens) são mais restritos, ou seja, são sempre os mesmos. É possível que isso se justifique pelo fato de as línguas de sinais ainda não terem definido uma forma gráfica¹¹ para representá-las.

Isso também pode ser justificado, conforme expõe Nörth (1990 apud BISOL, BREMM e VALENTINI, 2010), com relação à autonomia estrutural das línguas de sinais, segundo consta no referencial teórico desse artigo.

E o mais importante, como o que defende Quadros e seus colaboradores (In press), com relação à perspectiva bilíngue bimodal da pessoa surda. Esse fato se soma

⁸ Esse termo foi oficialmente incluído no dicionário inglês Oxford, junto com outros 41 termos relacionados à linguagem de internet e tecnologia. O dicionário o definiu como “ícone de expressão para mensagens; emoticon” (In: REIS, 2013).

⁹ PRODEAF e HAND TALK

¹⁰ Para melhor exemplificar seguem alguns exemplos em anexo.

¹¹ Há uma tentativa de convencionar um sistema de escrita para registrar as línguas de sinais, e o mais utilizado é o Sign Writing, que consiste na utilização de símbolos visuais para a escrita de diferentes línguas de sinais através de um sistema de representação gráfica. Sendo que há também uma possibilidade de adaptação da LIBRAS para esse sistema, bem como uma proposta de sistematização própria da LIBRAS por Ferreira Brito, mas que ainda não houve consolidação e/ou mesmo aceitação por parte da Comunidade Surda.

ao que discute Devitt (1993), para quem os gêneros textuais são presença marcante nas atividades sócio-comunicativas de cada indivíduo que atua socialmente.

Já com relação a Libras, esta se dá por meio de *postagens* de vídeos, imagens, de uso do dicionário bilíngue além dos aplicativos *Prodeaf* e *Hand Talk*.

5.2 Como os surdos produzem e organizam seus textos ao interagirem entre pessoas surdas e ouvintes, participantes desse grupo.

Durante a coleta e análise dos gêneros textuais utilizados pelos participantes do grupo, constatamos que alguns surdos, ao produzirem e/ou lerem os textos postados em LP, apresentam certas dificuldades tanto ao transmitirem informações bem como ao responderem uma ou outra postagem, inclusive chegando, em alguns momentos, a gerar certa confusão entre eles (surdos).

Articulamos ao que discute Bazerman (2009), pois segundo esse autor quando interagimos através da escrita (ou seja, por meio de textos escritos) há sempre grandes dificuldades de compreensão/interação.

Outro ponto observado foi que os ouvintes participantes do grupo, que são professores e/ou Intérprete de Libras, quando se dirigem diretamente a um surdo no grupo, usam textos especificamente escritos em LP, mas na estrutura da Libras. É possível que tal atitude tenha como intuito, atender as expectativas dos surdos, para que eles possam compreender melhor a informação que lhes é direcionada.

Tal atitude vai contra o que diz a Lei 10.436/2002: o surdo deverá ter acesso à Língua Portuguesa na modalidade escrita, visto que ele vive em um país que tem esta como língua majoritária. E que por isso mesmo é interessante que os profissionais que atuam diretamente com a comunidade surda tenham a preocupação em orientar, direcionar e ensinar a LP, de forma que o surdo possa realmente utilizá-la de forma usual e dinâmica.

Por outro lado, os participantes ouvintes (professor/intérpretes) do grupo procuram “facilitar” o contato com os surdos do grupo, utilizando-se da estrutura da Libras representada graficamente na LP. Entendemos que essa prática vem de fato a facilitar o contato e entendimento com o surdo, visto que essa interação é tida como informal, possibilitada pelo próprio aplicativo e demais práticas na *internet*.

Outro ponto a ser discutido é com relação às mensagens escritas em LP pelos surdos, em suas postagens no grupo. Suas práticas de escrita também se dão pela estrutura da Libras, pois dessa forma o surdo está mais próximo de sua “prática

sinalizada”, tal como nós, ouvintes, quando transcrevemos a nossa prática oral para a escrita. Verificamos, ainda, que mesmo em raros momentos os surdos procuram respeitar a norma padrão da LP.

Diante desses dados e do que foi observado no geral, é importante destacar que esses indivíduos quando optam em postar na modalidade da língua de sinais suas mensagens ao grupo (seja por vídeos, imagens etc.) são sem dúvida melhor estruturada do que quando em LP, mas também é perceptível que em ambas as línguas seus efeitos perlocucionários são atingidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados aqui apresentados, entendemos que o uso do aplicativo pelo grupo cria possibilidades reais de interação a esses indivíduos surdos de forma dinâmica e interativa não somente através da Libras, mas também em Língua Portuguesa.

Verificamos também que os usuários desse grupo veem o uso do aplicativo não como uma ideia de comunidade, tal como atuam na Comunidade Surda, pois os eventos apresentados pelo grupo são mais no sentido de esclarecer, divulgar informações importantes, tais como: manifestações, congressos, cursos, convocação de intérpretes. Até porque o grupo é composto tanto por pessoas ouvintes e surdas, pois entendemos que agindo dessa maneira eles atuam de forma distinta quando estão apenas entre eles (surdo/surdo) pessoalmente.

Nesse caso, compreendemos que a Libras por ser gestual-visual torna-se mais restrita pelo uso do aplicativo, apesar da possibilidade de uso de vídeos, a comunicação se dá mais de forma escrita. Isso pode ser justificado, pelo grau de dificuldade ao gravar e editar um vídeo, enquanto que a língua de sinais, assim, como as demais línguas orais, se dá de forma sócio-interativa, portanto, de ordem mais direta. Fora que eles conseguem separar muito bem o encontro virtual do encontro pessoal. É importante esclarecer que em nenhum momento foram observadas conversas de caráter pessoal dos participantes do grupo.

Nesse sentido, entendemos que pelo fato de os surdos representarem uma “minoridade linguística”, ou seja, falantes de uma modalidade gestual-visual, essa identidade acaba sendo muito marcante na grande maioria dos eventos comunicativos apresentados por eles.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e Interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chamblis Hoffnagel (Orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BISOL, Cláudia Alquati; BREMM, Eduardo Scaranti e VALENTINI, Carla Beatrice. **Blogs de adolescentes surdos: escrita e construção de sentido**. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 14, Número 2, Julho/Dezembro de 2010: 291-299.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 ago., 2002.

CAPOVILLA, F. C. & CAPOVILLA, A. S. **Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8(2), 127-156, 2002. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>>. Acesso em: 20/06/2014.

COSTA, Marco Antonio F. da. & COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTELLOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

DEVITT, Amy J. **Generalizing about Genre: New Conceptions of an Old Concept** *College Composition and Communication*. Vol. 44, Nº 4. (Dec., 1993).

KOZINETS, Robert V. **Netnografia** realizando pesquisa etnográfica online. BUENO, Daniel (Trad.). Porto Alegre: Penso, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: **Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. MARCUSCHI, Luiz Antônio. & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, Ângela Paiva & HOFFNAGEL, Judith Cambliss (Orgs.). ed. UFPE. São Paulo: Parábola, 2012.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira de. **Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa**. (Capítulo de livro a ser incluído em livro organizado por Diógenes Lima). Minas Gerais: UFMG/FAPEMIG/CNPq, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de, e Colaboradores (in press). **Methods in bimodal bilingualism research: Experimental studies**. In Orfanidou, Eleni, Woll, Bencie & Morgan, Gary (Eds.), *The Blackwell Guide To Research Methods In Sign Language Studies*. Blackwell. Disponível em: <<http://bibibi.uconn.edu/>>. Acesso em: 05 de AGO. de 2014.